

XI 24 HORAS PARA O SENHOR

8-9 março 2024

«Caminhar numa vida nova»

(Rm 6,4)

Subsídio Pastoral



DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO

SECÇÃO PARA AS QUESTÕES FUNDAMENTAIS
DA EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO

Agradece-se os contributos de:

Sua Eminência Card. António Marto

Bispo emérito da Diocese Leiria-Fátima, Portugal

Ex.mo Prof. Padre Armand Puig i Tàrrach

*Presidente da Agência da Santa Sé para a Avaliação e
a Promoção da Qualidade das Universidades e
Faculdades Eclesiásticas (AVEPRO)*

XI 24 HORAS PARA O SENHOR

8-9 março 2024

«Caminhar numa vida nova»

(Rm 6,4)

Subsídio Pastoral



«Caminhar numa vida nova»

(Rm 6,4)

Índice geral

1.	A confissão.....	9
	1. O perdão recebido – possibilidade de caminhar numa vida nova	9
	2. O rito do Sacramento da Reconciliação	12
	3. Testemunho de conversão Kevin Matthews	14
	4. Testemunho de perdão Gemma Capra Calabresi.....	15
2.	Vigília	17
	1. Premissas gerais	17
	2. Desenvolvimento da vigília.....	19
	3. <i>Lectio Divina</i> sobre Rm 6, 1-14	26
	4. Catequese do Papa Francisco sobre o Perdão	28

«Caminhar numa vida nova» (Rm 6,4) é o lema escolhido pelo Papa Francisco para a celebração das 24 HORAS PARA O SENHOR deste ano. Nestas palavras do Apóstolo sente-se ressoar aquilo que o Santo Padre afirmou na sua Carta Apostólica *Misericordia et misera*: «A misericórdia renova e redime, porque é o encontro de dois corações: o de Deus que vem ao encontro do coração do homem. Este inflama-se e o primeiro cura-o: o coração de pedra fica transformado em coração de carne (cf. Ez 36, 26), capaz de amar, não obstante o seu pecado. Nisto se nota que somos verdadeiramente uma “nova criação” (Gal 6, 15): sou amado, logo existo; estou perdoado, por conseguinte renasço para uma vida nova; fui “misericordiado” e, consequentemente, feito instrumento da misericórdia» (nº 16).

O perdão é o sinal do amor, o seu cume, porque cada um de nós sabe que precisa de ser perdoado e de se tornar, por sua vez, um instrumento de perdão para os outros. Quando se ama, age-se de modo a que a pessoa amada possa retomar uma vida de comunhão, de relação plena e perfeita. As 24 HORAS PARA O SENHOR testemunham precisamente isto.

Este subsídio pretende oferecer algumas sugestões para que permitir que as paróquias e as comunidades cristãs se preparem para viver esta iniciativa. Trata-se, naturalmente, de propostas que podem ser adaptadas de acordo com as necessidades e costumes locais.

Na noite de sexta-feira 8 de março e durante todo o dia de sábado 9 de março, seria significativo prever uma abertura extraordinária da igreja, oferecendo a possibilidade de acesso às Confissões, de preferência num contexto de Adoração Eucarística. Como sempre, o evento poderia começar na sexta-feira à noite com uma Liturgia da Palavra para preparar os fiéis para a Confissão, e concluir com a celebração da Santa Missa festiva no sábado à tarde.

O objetivo do evento é voltar a colocar no centro da vida pastoral da Igreja, portanto das nossas comunidades, das nossas paróquias, de todas as realidades eclesiais, o sacramento da reconciliação. Este é o centro da mensagem evangélica: a Misericórdia de Deus, que nos dá a certeza de que diante do Senhor ninguém encontrará um juiz, mas sim um pai que o acolhe, o consola e lhe indica também o caminho para a renovação. Portanto, como afirmou o Papa Francisco, «a misericórdia suscita alegria, porque o coração se abre à esperança duma vida nova». (*Misericordia et misera*, nº 3).

✠ Rino Fisichella

Pró-Prefeito do Dicastério para a Evangelização
Secção para as Questões Fundamentais da Evangelização no Mundo

«Que temes, pecador, se detestas o teu pecado? Como te condenará aquele que morre para não te condenar? Como te repelirá, se vieres a seus pés, aquele que veio do céu para te procurar quando tu lhe fugias?»

(S. Tomás de Vilanova)



«Caminhar numa vida nova»

(Rm 6,4)

O PERDÃO RECEBIDO – POSSIBILIDADE DE CAMINHAR NUMA VIDA NOVA

“Em tempos de crise há duas coisas que mais são precisas: a esperança e o perdão”

(Timothy Radcliffe)

“Há duas coisas que não se podem separar: o perdão dado e o perdão recebido”

(Papa Francisco)

O perdão fora de moda ou oxigénio indispensável à vida?

Que relação poderá haver entre perdão e esperança? Ainda valerá a pena falar hoje de perdão dado ou recebido? A um primeiro olhar sobre a mentalidade dominante, a palavra “perdão” parece fora de moda. Parece contrária à lógica humana mais propensa à vingança, à retaliação, ao fatalismo face ao poder do mal ou à ofensa sofrida.

Há diferentes tipos de pessoas que não sentem qualquer atração pela atitude ou virtude do perdão. Alguns nem sequer querem ouvir falar disso. Não sentem minimamente a necessidade. Não se sentem minimamente culpáveis porque já perderam o sentido do bem e do mal. A sua consciência está anestesiada ou em coma. A própria noção de pecado eclipsou-se em larga medida até em ambientes cristãos. Há outros para quem a misericórdia e o perdão representam uma humilhação indigna do humano. Pensam que é uma fraqueza psicológica e só serve para aumentar o sentimento patológico de culpa. Além disso é uma cumplicidade com a injustiça e serve de salva conduto para desculpar os que fazem o mal.

Há ainda o caso daqueles que pensam que o seu pecado é tão grande que nunca poderá ser perdoado. Num olhar de fé, mais profundo e compassivo, sobre a nossa humanidade tão dilacerada pelas feridas de divisões, violências e conflitos derivados de ódios, sentimos que do coração de muitos sai um gemido ou um grito da necessidade do perdão entre os humanos. Que seria do nosso mundo, das relações entre as pessoas, a começar nas relações de proximidade dentro da família, sem o dom do perdão? Isto leva-nos a tomar consciência de que o perdão é tão indispensável para as relações pessoais e para a sociedade como o oxigénio o é para o ar que respiramos. De outro modo asfixiamos!

Dom do Amor sanante e regenerador de Deus

À luz da fé cristã, a beleza, a riqueza, o verdadeiro sentido do perdão só se compreende na lógica do amor de Deus por cada ser humano. De facto, se olharmos só para a relação entre os humanos, o perdão não é algo espontâneo e natural. Todavia, embora difícil, torna-se uma experiência libertadora se contemplado a partir de Deus. Pode ser vivido por um coração ferido graças ao poder sanante e regenerador do amor. Tem a sua fonte primeira em Deus Amor misericordioso. Não se confunde com um mero passa culpas ou um ato jurídico de amnistia. É um ato de amor gratuito. Não se merece, nem se compra. Como reza o salmista: “Ele perdoa todas as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades... O Senhor é misericordioso e compassivo, é paciente e cheio de amor. Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas” (Sl 103, 3. 8-10). Aqui vemos como o perdão de Deus é uma graça, um dom de amor em excesso, acima de todos os cálculos e medidas humanos. Só o amor converte o coração. O amor de Deus é tão poderoso que até do mal é capaz de tirar bem: “Mesmo que os vossos pecados sejam como o escarlata, tornear-se-ão brancos como a neve. Mesmo

que sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã” (Is 1, 18).

O perdão possui um poder recriador como algo de um novo início. Recebê-lo como dom de Deus dá-nos um sentimento indizível que não se assemelha a nenhum outro, o sentimento de ser amado de um modo único, singular. Sim, somos amados até ao mais fundo de nós mesmos, precisamente onde não se merece ser amado: nos nossos pecados, nas nossas infidelidades e maldades. Quem é que merece ser amado aí? Que há de atrativo aí? Só Deus é capaz de nos amar assim, perdando. E tudo o que nós podemos fazer é deixar que o seu dom penetre no nosso coração.

Experiências de vida nova do perdão recebido no encontro com Jesus

As páginas da Sagrada Escritura permitem-nos mergulhar no mistério de tantas vidas transformadas pelo perdão. Corações atravessados pela misericórdia de Deus que viram abrir-se à sua frente novos caminhos de vida. Os evangelhos estão cheios de experiências de perdão recebido de modo gratuito e surpreendente.

Torna-se, pois, necessário levantar o nosso olhar e o nosso coração para Jesus a fim de contemplar o que é o perdão divino, como chega ao nosso coração, qual o seu poder de transformação e a sua fecundidade na vida de quem o recebe.

Podemos ver isto, antes demais, no anúncio de Jesus através das parábolas. São Lucas, no capítulo 15 do seu evangelho, recolhe três parábolas de Jesus sobre a misericórdia que incluem implicitamente o perdão: a ovelha perdida, a dracma perdida, o filho perdido e regressado à casa do Pai. É o próprio

Deus que sempre se antecipa, que espera sem desistir e sai ao encontro do homem pecador. Não recrimina, não é fiscal implacável. Acolhe com o afeto de Pai, restabelece a relação filial, possibilita viver de novo a dignidade de filho.

Cada uma destas parábolas termina com o tom da alegria que explode no redil do pastor, entre os amigos e vizinhos da mulher e na casa do Pai. A alegria do reencontro que acaba numa festa “com música e danças”: “Tínhamos de fazer festa porque o teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e encontrou-se” (Lc 15,32). De facto, é uma “morte” que se torna ressurreição, um “desaparecimento” que se transforma num alegre reencontro.

Os encontros de Jesus manifestam de modo mais visível o perdão na situação concreta da vida das pessoas. O paralítico curado por Jesus é emblema do homem perdoado. A cura é vista como a

marca do perdão: “Filho tem confiança. Os teus pecados estão perdoados”; “levanta-te e anda”. Jesus levanta-o do seu fracasso e abre-lhe a possibilidade de caminhar de novo na vida com esperança (cf Mt 9, 1-8).

O encontro comovente da pecadora pública com Jesus em casa de um fariseu (Lc 7, 36-50). Põe-se aos pés de Jesus, banha-os com as lágrimas e unge-os com perfume. Confia-se plenamente a Jesus



com amor e veneração. Jesus acolhe-a tal como é, sem condenar. Liberta-a da sua condição de escravidão e do juízo impiedoso dos outros. E diz-lhe “Os teus pecados estão perdoados” e ela pode ir em paz e refazer a sua vida com o amor do perdão recebido. O mesmo verificamos no encontro com Zaqueu (Lc 1, 1-10)

Fixemo-nos um pouco mais no encontro da mulher adúltera com Jesus (Jo 8,1-11). É uma cena dramática, mas ao mesmo tempo de incomparável beleza e de comovente ternura que nos toca e não nos deixa impassíveis.

Os escribas e fariseus trouxeram a Jesus uma mulher adúltera não para ser salva, mas para ser apedrejada segundo a lei. Ela está só, sem defesa, exposta e humilhada diante de todos com o seu pecado, rodeada pelos acusadores. Não só perdeu publicamente a honra, mas está prestes a perder a vida. Podemos supor que, no seu coração, palpitam uma ansiedade e um anseio: onde posso encontrar quem me acolha com as minhas feridas profundas? Onde encontrar quem me diga uma palavra de verdadeira libertação?

Jesus, por sua vez, inclina-se por terra diante da mulher e dos acusadores como quem se inclina sobre a fragilidade humana, simbolizada no pó da terra em que Jesus escreve, e a assume sobre si. Por fim pronuncia a palavra do perdão: “Mulher, ninguém te condenou? Nem eu te condeno. Vai e não voltes a pecar” (Jo 8,10-11). Eis uma dúzia de palavras que bastam para mudar uma vida!

De facto, Jesus restituiu à adúltera a beleza perdida da sua vida: salvou-a como mulher, na sua dignidade de pessoa, na sua humanidade, na sua feminilidade, na verdade do seu amor sponsal, na verdade da sua relação a Deus e aos outros. Uma vida nova!

O perdão fraterno que desarma, cura e reconcilia os corações e as relações

O dom do perdão que recebemos é também para o dar aos que nos ofendem. Se recebido, também possibilita o caminhar numa vida nova. Recordo apenas o efeito das palavras de perdão do filho do célebre juiz italiano Vittorio Bachelet, no funeral do pai, que desconcertaram e perturbaram os “brigadistas vermelhos” que o tinham assassinado. Eis o testemunho da carta dum brigadista: “Dei-me conta de que, uma vez desencadeada a espiral do perdão, a espiral do amor gratuito, ninguém mais a pode parar. Torna-se um contágio, uma luz que se acende de olhar em olhar, de gesto em gesto, uma reação em cadeia: este é o milagre de que hoje sou testemunha. Tenho esta consciência nova, que se conseguir transformar a minha vida, esta tornar-se-á um sinal para outros, e quando eles fizerem o mesmo, este sinal propagar-se-á e alcançará outros ainda...”!

Sintetizamos com palavras do Papa Francisco: “O perdão é o oxigénio que purifica o ar inquinado pelo ódio; é o antídoto que cura os venenos do rancor; é o caminho para desarmar a raiva e curar tantas enfermidades do coração que contaminam a sociedade”.

«O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança», seja a quem o recebe, seja a quem o oferece.

A riqueza e a beleza do perdão recebemo-las no sacramento por excelência do perdão, o sacramento da reconciliação. No centro da celebração deste sacramento não está a confissão dos nossos pecados. Está, sim, a celebração do amor misericordioso de Deus por cada pessoa e o dom do perdão. Por isso não é uma tortura, mas festa do perdão a quem se reconhece humilde pecador. Cada um interroga-se no seu íntimo: amo verdadeiramente este sacramento como dom de Deus e do seu amor misericordioso?

O RITO DO SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

Preparar-se para a confissão

Meditação do Papa Francisco sobre o **Exame de consciência**, na capela da Domus Sanctae Marthae, 4 setembro 2018 (em: L'Osservatore Romano, ed. quotidiana, 05/09/2018)

Existem dois espíritos, duas modalidades de pensar, de sentir, de agir: o que me leva ao Espírito de Deus e o que me leva ao espírito do mundo. E isso acontece na nossa vida: nós todos temos esses dois “espíritos”, digamos assim. O Espírito de Deus nos leva às boas obras, à caridade, à fraternidade, a adorar Deus, a conhecer Jesus, a fazer tantas obras boas de caridade, a rezar. E o outro espírito do mundo, que nos leva em direção à vaidade, ao orgulho, à suficiência e à fofoca: um caminho completamente diferente.

O nosso coração, dizia um santo, é como um “campo de batalha, um campo de guerra onde esses dois espíritos combatem”. Este é o “combate espiritual”. Na vida cristã deve-se combater para deixar espaço ao Espírito de Deus e expulsar o espírito do mundo.

Sugiro uma bela oração que podemos fazer todos os dias, antes de nos deitarmos: olhar um pouco para o dia e perguntarmo-nos: que espírito segui hoje? O espírito de Deus ou o espírito do mundo? Chama-se a isto fazer o exame de consciência: sentir no meu coração o que se passou nesta guerra interior, e como me defendi do espírito do mundo que me leva à vaidade, às coisas baixas, aos vícios, à soberba, a tudo isto. Como é que me defendi das tentações concretas?



Isto faz-se como oração, antes de ir para a cama, hoje: que sentimentos tive. Identificar qual é o espírito que me levou a esse sentimento, que me inspirou a esse sentimento: é o espírito do mundo ou o espírito de Deus? Muitas vezes, se formos honestos, descobriremos que “hoje tive inveja, fui ganancioso, fiz isto”. Esse é o espírito do mundo. É verdade: todos nós temos esta luta dentro de nós, mas se não compreendermos como funcionam estes dois espíritos, como agem, não somos capazes de caminhar para a frente com o espírito de Deus que nos leva a conhecer o pensamento de Cristo, o sentido de Cristo. Temos este grande dom, que é o Espírito de Deus, mas somos frágeis, somos pecadores e temos também a tentação do espírito do mundo. Neste combate espiritual, nesta guerra do espírito, é preciso ser

vencedores como Jesus, mas é preciso saber qual o caminho a seguir. É precisamente por isso que o exame de consciência é tão útil, à noite rever o dia e dizer: “sim, hoje fui tentado aqui, venci aqui, o Espírito Santo deu-me esta inspiração”. Em suma, trata-se de saber o que se passa no coração.

Como confessar-se? Celebração individual do Sacramento

Quando te apresentas como penitente, o sacerdote acolhe-te cordialmente, dirigindo palavras de encorajamento. Ele torna presente o Senhor misericordioso.

Juntamente com o sacerdote, faz o sinal da cruz, dizendo:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

O sacerdote ajuda-te a ter confiança em Deus, com estas ou outras palavras semelhantes:

O Senhor esteja no teu coração, para confessares os teus pecados com espírito arrependido.

O sacerdote, se for oportuno, lê ou recita de cor algum texto da Sagrada Escritura, no qual se anuncia a misericórdia de Deus e se convida o homem à conversão, por exemplo.

Deus prova assim o seu amor para connosco: Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores. E agora, que fomos justificados pelo seu sangue, com muito maior razão, seremos por Ele salvos da ira divina. (Rm 5, 8-9)

Neste momento, podes confessar os teus pecados. Se necessário, o sacerdote ajuda-te, faz-te perguntas e dá-te conselhos oportunos. O sacerdote convida o penitente a manifestar o arrependimento, recitando o ato de contrição ou outra fórmula semelhante, por exemplo:

Pai, pequei contra Vós. Já não mereço ser chamado vosso filho. Tende compaixão de mim, que sou pecador. (Lc 15, 18; 18,13)

Ou

Lavai-me, Senhor, de toda a iniquidade e purificai-me de todas as faltas

Porque eu reconheço os meus pecados e tenho sempre diante de mim as minhas culpas. (Sl 50, 4-5)

Ou

Meu Deus, porque sois infinitamente bom e Vos amo de todo o meu coração, pesa-me de Vos ter ofendido e, com o auxílio da Vossa divina graça, proponho firmemente emendar-me e nunca mais Vos tornar a ofender. Peço e espero o perdão das minhas culpas pela Vossa infinita misericórdia. Ámen.

O sacerdote, com as mãos estendidas sobre a cabeça do penitente (ou estendendo, pelo menos, a mão direita), diz:

Deus, Pai de misericórdia, que, pela morte e ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e enviou o Espírito Santo para remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz.

**E eu te absolvo dos teus pecados
em nome do Pai, e do Filho, ✠ e do Espírito Santo.**

Respondes: Ámen.

Depois da absolvição, o sacerdote prossegue: Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom.

Respondes: Eterna é a sua misericórdia.

A seguir, o sacerdote despede-se, dizendo: O Senhor perdoou os teus pecados. Vai em paz.



Testemunho de conversão***Kevin Matthews***

Kevin Matthews era uma personalidade bem conhecida da rádio em Chicago. A sua voz inconfundível animava dez milhões de ouvintes semanais, sobretudo nas décadas de 80 e 90. Em 2008, foi-lhe diagnosticada uma forma rara de esclerose múltipla. Ao mesmo tempo, a sua celebridade estava a desvanecer-se (tal como a rádio estava a desaparecer como meio de comunicação popular) e rapidamente ficou sem trabalho. Um triplo golpe: a perda de emprego, uma doença incurável e o declínio do

estatuto de celebridade. Carregava tudo isto às costas quando teve um momento que mudou a sua vida.

Um dia, quando saía do carro para comprar flores numa loja à porta de um cemitério perto de Chicago, viu uma grande estátua de Maria, a mãe de Jesus, caída junto a um contentor do lixo. A estátua estava partida, fraturada ao meio logo abaixo da cintura, e as mãos de Maria também estavam partidas. Além disso, a estátua abandonada estava cheia de sujidade e pó, por estar exposta ao contentor do lixo. Naquele momento, Kevin pensou: «Maria está partida. Eu também estou partido».

Kevin pegou na estátua e levou-a para casa. Assim nasceu a história da “Broken Mary”. Mandou reparar a estátua, mas manteve as mãos partidas e outras “cicatrizes” como recordação da sua própria fragilidade e da fragilidade de todos nós.

Kevin atribui a Maria o seu regresso à fé católica e a mudança da sua vida. A graça de Deus e a bênção de Maria salvaram-no do desespero em que vivia.

Agora, conta a sua história em igrejas cheias e leva a estátua a igrejas, prisões, hospitais e outros locais, falando do amor de Maria pelos filhos de Deus e encorajando as pessoas a rezar o terço. A sua mensagem é simples: há esperança para os que estão destruídos. Em 2019, mais de 1.500 pessoas participaram numa procissão de velas com a imagem de “Broken Mary” em Chicago, rezando pela paz.

O testemunho de Kevin é um relato da sua própria história de conversão: uma conversão de católico nominal a um promotor entusiasta da devoção a Maria e, através dela, da consagração ao seu Filho. Ele próprio afirmou: «Acho que agora sou um fanático de Jesus».

A sua história pode ser conhecida no seu livro *Broken Mary: A Journey of Hope* (2017).



Testemunho de perdão *Gemma Capra Calabresi*

A 17 de maio de 1972, um comando da Lotta Continua matou o Comissário Luigi Calabresi, marido de Gemma Capra. Ela tinha 25 anos, dois filhos pequenos e um terceiro a caminho.

«Naquela manhã de 17 de maio, depois do padre Sandro, pároco de San Pietro in Sala, me ter dito que o meu marido estava morto, caí no sofá, tive uma sensação de devastação total. Olhei para a casa, para os objetos e, de repente, tudo parecia não ter sentido. Caí naquele sofá com uma dor lancinante, mesmo física, nos meus ossos. Não sei quantas horas fiquei ali. Depois, de repente, senti dentro de mim uma paz absurda, uma força interior incrível. Como se Deus me tivesse tomado nos seus braços. Senti como que em flashes que não estava sozinha, que ia conseguir. Depois disse ao padre Sandro: “Vamos rezar uma Avé Maria pela família do assassino, que terá certamente uma dor maior do que a minha”.

Uma força que não podia vir de mim. Era o dom da fé, para mim que, até àquele dia, tinha sido católica mais por tradição familiar. Ia à missa, fazia voluntariado, mas naquela hora senti-me mais amada do que alguma vez poderia imaginar. Foi uma iluminação poderosíssima que me acompanhou durante toda a minha vida, sobretudo nos momentos mais dolorosos.



Quando estava desanimada e sentia que estava a bater no fundo do poço, voltava, e ainda volto, àquela sensação. Inevitavelmente, esse momento vinha-me ao pensamento e dizia a mim mesma: «Tu sabes, Gemma, que Deus está aqui, ele esteve perto de ti». Aprendi na minha própria pele que a fé não elimina a dor e o sofrimento, mas enche-os de significado, dá-lhes um sentido, oferece uma perspetiva.

O obituário escolhido para a morte do meu marido foi uma das últimas palavras de Jesus na cruz: «Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem». Se repararmos, Jesus pede ao Pai que perdoe os seus carrascos. Ele, como homem, percebe que não pode perdoar imediatamente. Com estas palavras, Deus indicou-me o caminho a seguir. Logo após o assassinio de Gigi, senti-me mais leve, porque Deus tinha perdoado imediatamente no meu lugar e eu podia seguir o meu caminho com calma. O Arcebispo de Milão, o Cardeal Colombo, disse no funeral que o obituário era uma flor colocada sobre o sangue de Gigi que nunca murcharia e daria frutos.

O perdão é uma escolha de vida. Foi um caminho longo e difícil, com muitos retrocessos. Tive anos negros, de choro, de desânimo, de raiva. Dizia a mim própria que, como cristã, tinha de perdoar, mas era muito difícil porque raciocinava. Não se deve raciocinar sobre o perdão, porque descobri que o perdão só se dá com o coração e não com a cabeça, com o raciocínio, com a inteligência. A palavra diz isso: per-doar. É, portanto, uma dádiva e dá-se com amor.

É, de facto, uma escolha interior e pode-se tomá-la, é difícil, mas pode-se, mesmo depois de uma dor dilacerante, continuar a amar a vida, pode-se, mesmo depois de uma traição e de uma calúnia, continuar a acreditar nos outros e pode-se mudar o juízo sobre as pessoas que víamos como todo o mal do mundo.»

Nota: Este texto é uma compilação de muitas entrevistas em que Gemma Capra Calabresi deu o seu testemunho. A sua história completa encontra-se no seu livro: *La crepa e la luce* (2023).

«Como pode durar a caridade, se Deus não nos dá a perseverança? Como nos há de dar a perseverança o Senhor, se nós não lha pedimos? E como a pediremos sem a oração? Sem a oração não há comunicação com Deus para conservar as virtudes»

(Santo Afonso Maria de Ligório)



«Caminhar numa vida nova»

(Rm 6,4)

Premissas gerais

A Vigília realizada durante a iniciativa 24 HORAS PARA O SENHOR tem um papel fundamental, porque caracteriza todo o evento; portanto, é desejável que seja celebrada com o Santíssimo Sacramento exposto, enquanto um ou mais sacerdotes permanecem disponíveis para celebrar o Sacramento da Reconciliação.

Esta Vigília inspira-se nas palavras da Carta de São Paulo aos Romanos: «Caminhar numa vida nova» (cf. 6,4), realçando que o perdão recebido e dado permite que o homem se converta e mude de vida. Um autêntico renascimento, uma vida nova!

O evento das “24 horas para o Senhor” está intimamente ligado ao tempo litúrgico da Quaresma, e em particular ao IV Domingo de Quaresma, anteriormente conhecido como “Laetare”. A alegria celebrada durante este dia nasce da conversão pessoal, da reconciliação com Deus e da graça recebida no Sacramento do Perdão. As leituras dominicais (*2Cor 36,14-16.19-23; Sal 136; Ef 2,4-10; Jo 3,14-21*) apresentam, entre outras coisas, como a graça de Deus atua na história, apesar dos pecados cometidos pelo homem. Constatamos que Deus, rico em misericórdia, intervém sempre gratuitamente para salvar o homem, mesmo que este seja o único responsável pela sua própria derrota com o mal.

Decidiu-se colocar esta iniciativa precisamente nos dias que antecedem o IV Domingo de Quaresma, para dar a todos os fiéis a possibilidade de libertarem as suas vidas dos pecados, preparando-se assim para a Páscoa que se aproxima.

Durante o decorrer da iniciativa 24 HORAS PARA O SENHOR, é oportuno sublinhar os conteúdos acima indicados. Contudo, o modo como desenvolver a iniciativa, assim como a escolha dos temas e passagens bíblicas é sempre deixada ao critério dos pastores e organizadores do evento, que, nas diversas partes do mundo, conhecem melhor as necessidades dos fiéis confiados ao seu cuidado pastoral.



Tenha-se em consideração que a reconciliação com Deus e com os homens restitui ao homem a paz. As guerras e a paz não são um simples fruto das negociações políticas, mas acima de tudo da disposição dos corações humanos. Neste sentido, cada homem, e mais ainda cada cristão, é responsável pela guerra e pela paz nas sociedades e entre as nações. A missão de todos nós é cultivar o coração misericordioso e propagar a cultura do perdão e da paz. Durante a iniciativa 24 HORAS PARA O SENHOR, não pode faltar a oração pela paz e pela reconciliação entre as nações em guerra e entre grupos sociais que se encontram em conflito.

Da prática dos anos precedentes, infere-se que a iniciativa decorre, geralmente, em três modos:

1. Nas pequenas comunidades, tais como hospitais, prisões ou paróquias/reitorias com um número relativamente pequeno de fiéis.
Neste caso, toda a iniciativa decorre frequentemente na sexta-feira à noite. Poder-se-ia iniciar o evento com a Liturgia Penitencial, depois expor o Santíssimo Sacramento e, com a Adoração Eucarística silenciosa ou animada por um grupo de oração (de acordo com as possibilidades e necessidades da comunidade), convidar todos à reconciliação sacramental com Deus.
2. Nas paróquias maiores (sobretudo nas áreas urbanas), nas prefeituras (e/ou vicariatos/decanatos) ou onde se decidir organizar o evento em várias paróquias/comunidades.
Seria apropriado começar na sexta-feira à noite com a Santa Missa ou a Liturgia da Palavra. Em seguida, expõe-se o Santíssimo Sacramento e começa a Adoração Eucarística, animada por vários grupos paroquiais ou por várias paróquias.
Os responsáveis determinam tanto o programa de toda a Adoração como a sua duração, assegurando turnos para as confissões dos fiéis.
3. Nas igrejas catedrais, basílicas, santuários, ou nas paróquias e locais de culto mais significativos para a Igreja local e cuidadosamente escolhidos pelo Ordinário ou pelos responsáveis.
O evento deve ser organizado de forma mais solene, sublinhando a universalidade da Igreja que o celebra simultaneamente em todo o mundo. A Igreja deve também permanecer aberta à noite, com a Adoração Eucarística animada por turnos por vários grupos de oração e por várias comunidades. É desejável que o Ordinário e os Bispos estejam presentes pelo menos no início e no fim do evento, dando também a sua disponibilidade na celebração do Sacramento da Reconciliação. Deve ser assegurada a presença constante de um ou mais sacerdotes disponíveis para ouvir confissões.

Sempre que possível, um grupo de fiéis, especialmente formado e preparado, poderia convidar as pessoas que passam junto da igreja a entrar e participar no evento (sobretudo nas igrejas centrais das cidades, nos centros históricos e turísticos, nos lugares com grande afluência de pessoas, etc). Um simples convite, uma palavra de boas-vindas, uma explicação sobre o evento constituem frequentemente uma oportunidade para iniciar um diálogo muito mais sério, tornando-se um verdadeiro momento de evangelização. Frequentemente, os fiéis leigos, especialmente aqueles que recebem sistematicamente formação em várias comunidades e grupos de oração, podem realizar um ótimo serviço na preparação para a confissão, dialogando com pessoas que não vão à igreja há muito tempo e que podem sentir-se desconfortáveis na presença direta e imediata do sacerdote. Para adaptar a proposta de Vigília às necessidades particulares de uma comunidade específica (paróquia, capela hospitalar, mosteiro, reitoria, santuário, etc.), podem escolher-se cânticos. Para aprofundar os temas recorrentes nos textos bíblicos propostos, sugere-se que se prepare uma meditação ou se escolham alguns testemunhos, de acordo com as necessidades e possibilidades da própria comunidade.

INÍCIO DA VIGÍLIA LITURGIA PENITENCIAL

Enquanto o presbítero e os ministros se dirigem para o presbitério, a assembleia canta um hino ou um outro cântico adequado.

SAUDAÇÃO E MONIÇÃO

C: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R: **Ámen.**

C: A graça, a misericórdia e a paz de Deus, nosso Pai e de Jesus Cristo, nosso Salvador, estejam convosco.

R: Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

C: Irmãos e irmãs, também hoje Jesus misericordioso nos dirige a palavra de perdão e convida-nos à conversão. Abramos os nossos corações para que a graça de Deus possa agir em nós. Confiemos as nossas irmãs e os nossos irmãos, especialmente aqueles que se afastaram de Deus, para que, nestas vinte e quatro horas dedicadas de modo especial, em toda a Igreja, à reconciliação, possam ouvir a voz do Salvador que, tomando-nos pela mão, convida cada um de *nós a «caminhar numa vida nova»*.

Todos oram em silêncio durante alguns momentos. A seguir, o sacerdote prossegue:

C: Oremos.

Estende as mãos e diz:

Deus, nosso Pai, que nos libertastes do pecado e nos destes a dignidade de filhos adotivos, olhai com benevolência para a vossa família, para que todos os crentes em Cristo recebam a verdadeira liberdade e a herança eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

Todos respondem:

Ámen.



LITURGIA DA PALAVRA

Primeira Leitura Is 43, 16-21

Leitura do Livro de Isaías

O Senhor abriu outrora caminhos através do mar, veredas por entre as torrentes das águas. Pôs em campanha carros e cavalos, um exército de valentes guerreiros; e todos caíram para não mais se levantarem, extinguíram-se como um pavio que se apaga. Eis o que diz o Senhor: «Não vos lembreis mais dos acontecimentos passados, não presteis atenção às coisas antigas. Olhai: vou realizar uma coisa nova, que já começa a aparecer; não a vedes? Vou abrir um caminho no deserto, fazer brotar rios na terra árida. Os animais selvagens – chacais e avestruzes – proclamarão a minha glória, porque farei brotar água no deserto, rios na terra árida, para matar a sede ao meu povo escolhido, o povo que formei para Mim e que proclamará os meus louvores».

L: Palavra do Senhor.

R: Graças a Deus.

Salmo Responsorial Do Sl 102 (103)

R. O Senhor é clemente e cheio de compaixão.

Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e todo o meu ser bendiga o seu nome santo.
Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.

Ele perdoa todos os teus pecados
e cura as tuas enfermidades.
Salva da morte a tua vida
e coroa-te de graça e misericórdia.

O Senhor é clemente e compassivo,
paciente e cheio de bondade.
Não nos tratou segundo os nossos pecados
nem nos castigou segundo as nossas culpas.

Como a distância da terra aos céus,
assim é grande a sua misericórdia para os que O temem.
Como o Oriente dista do Ocidente,
assim Ele afasta de nós os nossos pecados

Aclamação antes do Evangelho Jl 2, 12-13

Louvor e glória a Vós, Jesus Cristo, Senhor.

Convertei-vos a Mim de todo o coração, diz o Senhor;

porque sou benigno e misericordioso
Louvor e glória a Vós, Jesus Cristo, Senhor.

Evangelho

C: O Senhor esteja convosco.

R: Ele está no meio de nós.

C: Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João.....(8,1-11)

R: Glória a vós, Senhor.

Naquele tempo, Jesus foi para o monte das Oliveiras. Mas de manhã cedo, apareceu outra vez no templo e todo o povo se aproximou d'Ele. Então sentou-Se e começou a ensinar. Os escribas e os fariseus apresentaram a Jesus uma mulher surpreendida em adultério, colocaram-na no meio dos presentes e disseram a Jesus: «Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. Na Lei, Moisés mandou-nos apedrejar tais mulheres. Tu que dizes?». Falavam assim para Lhe armarem uma cilada e terem pretexto para O acusar. Mas Jesus inclinou-Se e começou a escrever com o dedo no chão. Como persistiam em interrogá-l'O, ergueu-Se e disse-lhes: «Quem de entre vós estiver sem pecado atire a primeira pedra». Inclinou-Se novamente e continuou a escrever no chão. Eles, porém, quando ouviram tais palavras, foram saindo um após outro, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher, que estava no meio. Jesus ergueu-Se e disse-lhe: «Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?». Ela respondeu: «Ninguém, Senhor». Disse então Jesus: «Nem Eu te condeno. Vai e não tornes a pecar».

C: Palavra da salvação.

R: Glória a vós, Senhor.

Segue-se a homilia.

Todos se levantam.



CONFISSÃO GERAL DOS PECADOS

Após uma breve pausa para reflexão, o celebrante diz:

C: Confiantes na misericórdia de Nosso Senhor, que não nos condena, mas nos exorta sempre à vida da graça, confessamos os nossos pecados.

C: Senhor, que fostes enviado pelo Pai a salvar os corações atribulados: Senhor, tende piedade de nós.

R: Senhor, tende piedade de nós.

C: Cristo, que viestes chamar os pecadores: Cristo, tende piedade de nós.

R: Cristo, tende piedade de nós.

C: Senhor, que estais à direita do Pai a interceder por nós: Senhor, tende piedade de nós.

R: Senhor, tende piedade de nós.

ORAÇÃO DO SENHOR

C: Inspirados pela Palavra do Senhor, que nos convida a pedir a Deus a remissão dos nossos pecados, elevemos até Ele a nossa oração unânime:

R: Pai nosso, que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;
venha a nós o vosso reino;
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação;
mas livrai-nos do mal.

ABRAÇO DA PAZ

C: Caríssimos irmãos e irmãs, reconciliados pela graça de Dio, recebida por meio de Jesus Cristo, saudai-vos com um gesto de paz.

Todos se saúdam, segundo os costumes locais, em sinal de mútua paz.

EXPOSIÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Procede-se com a exposição do Santíssimo Sacramento “more solito” e com a Adoração Eucarística animada, que durará até ao final da iniciativa 24 HORAS PARA O SENHOR.

Segue-se o tempo para as confissões e a absolvição individual.

No final da Vigília, dá-se a bênção solene com o Santíssimo Sacramento. Em alguns lugares, sobretudo onde a iniciativa 24 HORAS PARA O SENHOR se desenvolve de modo solene, concluindo-se na noite de sábado, poder-se-á celebrar a Santa Missa do IV Domingo de Quaresma, ou Vésperas I.

DESENVOLVIMENTO DA VIGÍLIA

Este texto é uma proposta que deverá ser posteriormente concretizada e adaptada, dependendo das tradições locais.

Tendo em conta a duração da vigília, o número de participantes, as possibilidades de organização e outros fatores, a animação da Adoração Eucarística poderá realizar-se por turnos, com uma mudança temática após cada hora.

Durante a celebração da vigília, não deverão faltar momentos de oração silenciosa diante do Santíssimo Sacramento.

PROPOSTA PARA UMA HORA DE ADORAÇÃO

Tendo-se exposto o Santíssimo Sacramento, após um momento de silêncio, canta-se um cântico. Segue-se a leitura da passagem bíblica:

Leitura do Livro de Isaías (1,10.16-20)

Escutai a palavra do Senhor, chefes de Sodoma; dai ouvidos à lei do nosso Deus, povo de Gomorra: «Lavai-vos, purificai-vos, afastai dos meus olhos a malícia das vossas ações, deixai de praticar o mal e aprendei a fazer o bem. Respeitai o direito, protegei o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva. Vinde então para discutirmos as nossas razões, — diz o Senhor. Ainda que os vossos pecados sejam como o escarlata, ficarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã. Se fordes dóceis e obedientes, comereis os bens da terra. Mas se recusardes e fordes rebeldes, sereis devorados pela espada». Assim falou a boca do Senhor.

Permaneça-se em silêncio.

TESTEMUNHO/MEDITAÇÃO

De seguida, propõe-se um testemunho de conversão. Tal testemunho poderia ser dado por uma pessoa que desejasse partilhar como o Senhor tocou o seu coração com a graça do perdão. Em alternativa, poder-se-ia ler o testemunho de conversão de Gemma Capra Calabresi ou de Kevin Matthews que se encontra neste subsídio. Se não for possível apresentar o testemunho, poderá propor-se um texto meditativo, tal como:

Exposição sobre o Salmo 35, Santo Agostinho

Ver a luz de Deus

Sejamos, pois, irmãos, filhos dos homens, e esperemos à sombra das asas de Deus, e inebriemo-nos na abundância de sua casa. Exprimi-me conforme me foi possível, e vejo quanto posso; mas não posso dizer como vejo. «Inebriar-se-ão na abundância de tua casa». Chama-se torrente o fluxo de água que corre impetuosamente. Será o ímpeto da misericórdia de Deus, para irrigar e inebriar os que agora põem sua esperança à sombra de suas asas. Qual será o deleite? Como de

uma torrente a inebriar os sedentos. Quem agora tem sede, espere; quem está sedento, tenha esperança, e será inebriado quando estiver de posse da realidade; antes que esta venha, sinta sede na esperança. «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados» (Mt 5,6). Qual a fonte que te irrigará? Donde flui tamanha torrente de delícias? «Pois em ti está a fonte da vida». Quem é a fonte da vida, senão o Cristo? Veio na carne em teu favor, para aliviar tua boca sedenta. Desalterou aquele que esperava quem deu de beber ao sedento. «Pois em ti está a fonte da vida, e na tua luz contemplamos a luz». Aqui fonte é uma coisa e luz, outra; lá é diferente. Fonte e luz são idênticas. Chama-as como quiseses,

porque não é aquilo que chamas. Como não consegues encontrar um nome adequado, não te contentas com um só. Se disseses que é somente luz, terás a resposta: Inutilmente me foi dito que tenha fome e sede; quem é que come a luz? Efetivamente foi-me dito com razão: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5,8). Se é luz, preparo meus olhos. Prepara também tua boca, porque aquela luz é também fonte. Fonte, por saciar os sedentos, luz, por iluminar os cegos. Aqui, na terra, às vezes a luz está num lugar e noutra a fonte. Por vezes, jorram fontes mesmo nas trevas; e por vezes no deserto suportas o calor do sol e não encontras uma fonte. Aqui, portanto, as duas coisas podem estar separadas. Lá não te cansarás, porque há uma fonte; não estarás nas trevas, porque há luz.

Depois do testemunho/meditação, segue-se um cântico e permanece-se em oração silenciosa. De seguida, pode fazer-se uma oração de intercessão, rezada por toda a assembleia.



ORAÇÃO A NOSSA SENHORA

Virgem Imaculada!

Vimos a ti com o coração dividido entre esperança e angústia.

Precisamos de ti, Mãe nossa!

Mas, antes de mais, queremos agradecer-te

porque em silêncio, como é teu estilo, velas por esta cidade

que hoje te cobre de flores para te dizer o seu amor.

Em silêncio, dia e noite, velas por nós:

pelas famílias, com as suas alegrias e preocupações - tu bem o sabes -;

pelos locais de estudo e de trabalho; pelas instituições e repartições públicas;

pelos hospitais e lares de idosos; pelas prisões; pelos que vivem na rua;

pelas paróquias e por todas as comunidades da nossa Igreja.

Obrigado pela tua presença discreta e constante,

que nos dá conforto e esperança.

Tu sabes, nós precisamos de ti, Mãe,

porque tu és a Imaculada Conceição.

A tua pessoa, o próprio facto de existires

lembra-nos que o mal não tem a primeira nem a última palavra;

que o nosso destino não é a morte, mas a vida,

não é o ódio, mas a fraternidade, não é o conflito, mas a harmonia,

não é a guerra, mas a paz.

Olhando para ti, sentimo-nos confirmados nesta fé

que os acontecimentos por vezes colocam à prova.

E tu, Mãe, dirige os teus olhos de misericórdia

para todos os povos oprimidos pela injustiça e pela pobreza,

provados pela guerra, mergulhados novamente na espiral da violência.

E ajuda-nos a fazer um caminho de educação e de purificação,

reconhecendo e contrariando a violência escondida

nos nossos corações e nas nossas mentes

e pedindo a Deus que nos liberte dela.

Mostra-nos ainda, ó Mãe, o caminho da conversão,

porque não há paz sem perdão

e não há perdão sem arrependimento.

O mundo muda se os corações mudam;

e cada um deve dizer: a começar pelo meu.

Mas o coração humano só Deus o pode mudar

com a sua graça: a graça em que tu, Maria,

estás imersa desde o primeiro instante.

A graça de Jesus Cristo, nosso Senhor,

que tu geraste na carne,

que por nós morreu e ressuscitou, e que tu sempre nos indicas.

Ele é a salvação, para cada homem e para o mundo.

Vem, Senhor Jesus!

Venha o teu reino de amor, de justiça e de paz!

Amém.

(da Oração do Papa Francisco diante da imagem da *Salus Populi Romani*, proferida a 8 de dezembro de 2023)

Segue-se um cântico e permanece-se em oração silenciosa até ao final da Hora de Adoração.

De acordo com a duração da vigília, este esquema pode ser repetido, mudando as passagens bíblicas e os cânticos, e alternando os testemunhos, as meditações e as orações.

Tendo em conta o tempo litúrgico da Quaresma, seria desejável incluir também a *Via Crucis*. Pode propor-se também a oração do Santo Rosário e/ou o Terço da Divina Misericórdia.

Algumas passagens bíblicas para incluir noutras Horas da vigília: Salmo 51 (salmo de arrependimento); Lc 6,27-38 (amor aos inimigos – não julgar); Col 1,9-14 (das trevas para a luz de Cristo).

Em alternativa, tanto para um aprofundamento individual como para a celebração comunitária, propõe-se a *Lectio divina*, para a qual se segue uma proposta, ou a reflexão do Papa Francisco sobre o Perdão, que se encontra sucessivamente à *Lectio*

***Lectio Divina* de Rm 6, 1-14**

Podemos e queremos caminhar numa vida nova. Quem vive a ressurreição de Jesus como aquilo que muda a vida, compreende que é possível viver de uma forma nova. Este é o desafio para todos nós: não viver mais sob o peso dos hábitos, mas iniciar um novo caminho, o caminho que percorremos quando nos ligamos ao amor do Senhor. O caminho novo passa pela manifestação maior deste amor: o Pai ressuscitou Jesus, libertou-o das amarras da morte e, através dele, libertou-nos dos velhos hábitos, ou seja, do pecado que nos tornava escravos de nós mesmos, do nosso “ego”. Mas já não há lugar para o pecado quando a graça de Deus, a misericórdia do Pai, vem ao nosso encontro e nos inunda como um rio que fecunda o nosso coração. E se o pecado tenta insistir em nós, temos o Espírito que nos defende, reconduzindo-nos ao Evangelho de Jesus e renovando a nossa vida. O Espírito não permitirá que permaneçamos escravos do pecado, se ele voltar a bater à nossa porta, porque Jesus, morto e ressuscitado, eliminou para sempre a força do mal e das trevas em nós. Diz Paulo: «Estamos sob a graça» (versículo 14).

Peguemos em Romanos 6,1-14 e leiamos a passagem com atenção - duas vezes é melhor que uma. Percebemos imediatamente que se fala do facto de que a nossa vida está unida à de Jesus, o Cristo (versículos 1-5). Depois, identificam-se os efeitos e tiram-se as consequências da nossa união com ele (versículos 6-11 e 12-14, respetivamente). Dito de outro modo, o mais importante que podemos viver neste mundo é conhecer Jesus e tecer uma amizade pessoal com ele, pois é através dele que conhecemos Deus, o Pai. Jesus assemelha-se ao Pai em tudo, na sua maneira de ser, nas propostas que nos faz, nos seus comportamentos e atitudes. Quem conhece o Filho, conhece também o Pai. Por outro lado, quem aprende a conhecer o modo de atuar do Pai e do Filho, pode assumir uma vida semelhante à de Jesus.

Os versículos 1-5 mostram como o ponto de partida é o batismo, recebido ou desejado - talvez alguns de vós ainda não sejam batizados mas queiram sê-lo. Paulo refere-se ao sacramento da vida nova, à imersão na água feita em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, pela qual nos torna-

mos cristãos. Aquele que recebe o batismo passa por uma morte e uma ressurreição: quando se mergulha na água da pia batismal ou se baixa a cabeça para receber a tríplice infusão, é como uma morte, e quando se ressurge ou se levanta a cabeça, é como uma ressurreição. Assim, como se se tratasse de um segundo nascimento, aquele que recebe o batismo reproduz na sua vida a morte e a ressurreição de Jesus. De facto, o batismo é renascer para a plenitude de vida que Deus nos dá, para que nos tornemos em tudo semelhantes a Jesus, o Cristo, morto e ressuscitado. Quando entramos no mundo, nascemos do pai e da mãe, mas pelo batismo renascemos de Deus, por Jesus Cristo no Espírito Santo, e assim passamos a fazer parte da comunidade cristã, a santa Igreja de Deus.

Os efeitos do batismo em nós são imediatos. Encontramo-los explicados nos versículos 6-11. Aqui, a imagem proposta pelo apóstolo Paulo é a do homem velho. Éramos pessoas sujeitas ao nosso “ego”, éramos velhos de corpo e de espírito, e por isso o pecado agia em nós. Não sabíamos como libertar-nos de tudo o que nos prendia e nos tornava velhos, embora não fôssemos assim tão velhos em idade. Mas então o Senhor aproximou-se de nós, e a cruz de Jesus fez-nos mudar de rumo. O homem velho que éramos desfez-se graças ao Senhor Jesus que, ao morrer na cruz, nos fez morrer para o nosso “ego”.

O segredo foi identificarmo-nos com a morte de Jesus, participar na sua morte que nos fez morrer para um caminho marcado pelo pecado: indiferença, preguiça, arrogância, desejo incontrolado, violência, ódio, esquecimento dos outros, sobretudo dos pobres. Mas, ao morrer com Jesus, foi-nos dada a vida. Houve um resgate da parte de Jesus. Estávamos no poço de uma vida sem sentido, apenas atentos a impulsos particulares que nunca abalaram verdadeiramente o coração. Éramos vasos de barro, furados na base, e a água corria lentamente e se dissipava, e então ficávamos sem energia espiritual, sem força para fazer o bem. Mas Jesus ressuscitado fez-nos morrer para a morte e saborear a vida nele, por ele e com ele. A morte não tem poder sobre ele e assim ressuscitamos, sem dívidas para com a morte, mas apenas para com ele, que nos libertou da morte e do pecado. A nossa realidade é apenas esta: vivemos «por Deus em Cristo Jesus» (v. 11).

Ora, se vivermos voltados para Deus, unidos a Cristo Jesus, é impossível que o pecado tenha lugar no nosso coração, na nossa mente, nas nossas ações. É esta a consequência final que decorre do nosso texto (vv. 12-14). É verdade que por vezes o pecado nos faz tropeçar, mas damo-nos conta disso imediatamente e encontramos os meios espirituais para sair da dificuldade: a oração mais intensa, o sacramento da penitência, a leitura orante da Palavra. O apóstolo Paulo proclama sem rodeios que “o pecado não dominará sobre vós”, e acrescenta: “Não estais sob a lei, mas sob a graça” (v. 14). São palavras de grande relevância: a graça de Jesus é mais forte do que a Lei de Moisés. A morte e o seu escudeiro, o pecado, não podem vencer aquele que traz dentro de si a força do Evangelho. Este confia no Senhor e no dom da sua misericórdia, e não duvida que será preservado do mal e do pecado, com todos os desejos que o acompanham. É preciso apenas que nos ofereçamos, como comunidade de fé e de amor, a Deus que ressuscita os mortos e nos faz caminhar numa vida nova.

Catequese do Papa Francisco sobre o Perdão (Angelus, 17 setembro 2023)

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho fala-nos de perdão (cf. Mt 18, 21-35). Pedro pergunta a Jesus: «Senhor, se o meu irmão me ofender quantas vezes lhe deverei *perdoar*? Até sete vezes?» (v. 21).

Sete, na Bíblia, é um número que indica plenitude, e por isso Pedro é muito generoso nas hipóteses da sua pergunta. Mas Jesus vai mais longe e responde-lhe: «Não te digo sete vezes, mas setenta vezes sete» (v. 22). Diz-lhe, portanto, que quando se perdoa não se calcula, que é bom perdoar tudo e sempre! Tal como Deus faz connosco, e como são chamados a fazer aqueles que administram o perdão de Deus: *perdoar sempre*. Digo isto aos padres, aos confessores: perdoai sempre como Deus perdoa.

Jesus ilustra então esta realidade através de uma parábola, que tem sempre a ver com números. Um rei, depois de ter sido implorado, perdoa a um servo a dívida de 10.000 talentos: é um valor exagerado, imenso, que varia entre 200 e 500 toneladas de prata: exagerado. Era uma dívida impossível de saldar, mesmo trabalhando toda a vida: mas aquele senhor, que recorda o nosso Pai, perdoa-lhe por pura «compaixão» (v. 27). É assim o coração de Deus: perdoa sempre, porque Deus é compassivo. Não esqueçamos como é Deus: próximo, compassivo e terno; este é o modo de ser de Deus. Mas depois este servo, ao qual a dívida foi perdoada, não tem piedade de outro servo que lhe deve 100 denários. Também esta é uma soma substancial, equivalente a cerca de três meses de salário - como se quisesse dizer que perdoar uns aos outros tem um preço! - mas não é de modo algum comparável à quantia anterior, que o patrão tinha perdoado.

A mensagem de Jesus é clara: Deus perdoa incalculavelmente, ultrapassando todas as medidas. Ele é assim, age por amor e por gratuidade. Deus não pode ser comprado, Deus é gratuito, é todo gratuidade. Não podemos retribuir-lhe, mas quando perdoamos ao nosso irmão ou irmã, imitamo-lo. Perdoar não é, portanto, uma boa ação que se pode fazer ou deixar de fazer: perdoar é uma condição fundamental para quem é cristão. Cada um de nós, de facto, é um “perdoado” ou uma “perdoada”: não esqueçamos isto, nós somos perdoados, Deus deu a vida por nós e de modo algum podemos compensar a sua misericórdia, que ele nunca retira do coração. Mas, correspondendo à sua gratuidade, isto é, perdoando-nos uns aos outros, podemos dar testemunho dele, semeando vida nova à nossa volta. Porque fora do perdão não há esperança, fora do perdão não há paz. O perdão é o oxigénio que purifica o ar poluído pelo ódio, o perdão é o antídoto que cura os venenos do ressentimento, é o caminho para desarmar a raiva e curar tantas doenças do coração que contaminam a sociedade.

Perguntemo-nos então: acredito que recebi de Deus o dom de um perdão imenso? Sinto a alegria de saber que Ele está sempre pronto a perdoar-me quando peço, até quando os outros não o fazem, ou até quando nem eu próprio me consigo perdoar? Ele perdoa: acredito que Ele perdoa? E depois: sei perdoar, por minha vez, aqueles que me ofenderam? A este respeito, gostaria de vos propor um pequeno exercício: procuremos, agora, cada um de nós, pensar numa pessoa que nos ofendeu e peçamos ao Senhor a força para a perdoar. E perdoemo-la por amor ao Senhor: irmãos e irmãs, isso far-nos-á bem, restaurará a paz nos nossos corações.

Maria, Mãe de Misericórdia, nos ajude a aceitar a graça de Deus e a perdoarmo-nos uns aos outros.

XI 24 HORAS PARA O SENHOR

8-9 março 2024

«Caminhar numa vida nova»

(Rm 6,4)

Subsídio Pastoral



DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO

SECÇÃO PARA AS QUESTÕES FUNDAMENTAIS
DA EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO

<http://www.evangelizatio.va/>